



Reflexões sócio-históricas acerca das rebeliões no sistema carcerário: imaginário de cárcere e encarcerados

Elizete Beatriz Azambuja¹(PQ) Wesleyne Pereira de Souza² (IC)*

¹ Docente do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus São Luís de Montes Belos. E-mail: liazambuja@ibest.com.br

² Discente do curso de Letras - Câmpus São Luís de Montes Belos. E-mail: wesouza03@gmail.com

Resumo: Em nossa pesquisa, nos propusemos a observar e analisar como os efeitos sócio-históricos contribuem para os discursos produzidos e entender o imaginário social do sistema prisional e dos detentos, tendo como fundamentação teórica a Análise de Discurso de linha francesa que considera a relação indissociável entre *sujeito*, *língua* e o contexto *sócio histórico* e *ideológico*. Para isso, recorremos a uma criteriosa bibliografia, refletimos a respeito de memória e ideologia e como esses efeitos de sentido são produzidos e perpetuados popularmente. Ao observar os discursos a respeito do sistema carcerário, notamos a presença de um sentimento popular de vingança e revolta e uma necessidade pública de punição aos crimes, o julgador torna-se muitas vezes mais criminoso do que o que está em julgamento. A partir dessas percepções, tomamos comentários feitos em sites de notícia, como *G1* e *Folha da Região*, acerca das rebeliões no sistema carcerário, procurando analisar o funcionamento ideológico constituinte dos discursos que são produzidos e procurar compreender o imaginário social acerca dos detentos.

Palavras-chave: Detento. Crime. Comentário. Notícia. Ideologia. Discurso.

Introdução

A nossa pesquisa teve como suporte teórico Análise de Discurso, que não trata de transmissão dos dizeres, mas do funcionamento da linguagem em sua constituição pela ideologia social, que reflete a relação do sujeito com a língua e sua história.

Os sentidos são construídos a partir de discursos que temos acesso na nossa formação como sujeito de linguagem. É pela língua que o sujeito se constitui. Não é possível produzir algo completamente novo, pois é a partir da memória - ou como Orlandi vem chamando: *interdiscurso* - é que conseguimos produzir outros dizeres, constituir outros discursos, refletindo os que já foram ditos e os resignificando.

O interdiscurso é o processo de esquecimento do que já foi dito e que determina nossos dizeres. A Análise de Discurso propõe buscar esses dizeres ideológicos esquecidos para compreender o funcionamento discursivo presente. É



necessário o esquecimento dos discursos para que ao produzirmos certos dizeres nos identifiquemos como indivíduos.

Propomo-nos analisar a interpretação do sujeito com relação a sua fala, compreender a dimensão ideológica sobre seu discurso em variados lugares e observar os efeitos de sentido alcançados. O que se espera no trabalho da ideologia, é que o analista possa trabalhar a linguagem, a materialidade e seus equívocos, Orlandi explica:

As transferências presentes nos processos de identificação dos sujeitos constituem uma pluralidade contraditória de filiações históricas. Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva. O analista deve explicitar os processos de identificação pela sua análise: falamos a mesma língua mas falamos diferente. Se assim é, o dispositivo que ele constrói deve ser capaz de mostrar isso, de lidar com isso. Esse dispositivo deve poder levar em conta ideologia e inconsciente assim considerados. (ORLANDI, 2013, p 60).

Conforme dissemos, em nosso estudo buscamos compreender o funcionamento sócio-ideológico do sistema carcerário, assim como os detentos, relacionando com o contexto sócio-histórico em que são produzidos discursos desumanizadores de pessoas que cometem crimes e o motivo que os levam as rebeliões. Notamos que muitos discursos contribuem para a violência que os detentos são tratados, desejando que sejam assassinados como forma de justiça para seus crimes. O que não se trata de justiça, mas de punição. Foucault (1987, p. 13) traz a citação de Beccaria em que esclarece que: “O assassinato que nos é apresentado como um crime horrível, vemo-lo sendo cometido friamente, sem remorsos.”.

Material e Métodos

Foi organizado um *Corpus* com materiais a partir da seleção de notícias e comentários *on line* acerca das rebeliões em cárceres. Fizemos recortes dos enunciados fundamentais para a reflexão que propomos.

Analizamos como as notícias são veiculadas, como comentários são produzidos, para entendermos como os fatos são recebidos e como o sentido é





produzido através de memória e ideologia.

Além disso, fizemos a leitura de diversos textos teóricos indicados pela coordenadora, a fim de fundamentar as análises.

Resultados e Discussão

Durante a pesquisa atingimos nossos objetivos, embasando-nos na bibliografia pré-selecionada para fundamentação teórica, fichando, pautando e discutindo o material proposto. Compreendemos sobre o imaginário social a respeito dos detentos, o funcionamento do gênero comentário, sempre observando a construção ideológica nas regularidades enunciativas presentes no material de análise, selecionamos notícias e comentários para análise. Divulgamos nosso trabalho em forma de banner no VI EPE – Encontro de Pesquisa e Extensão com o tema Pesquisa e Extensão na Vida Acadêmica no Campus de São Luís de Montes Belos.

Ao analisarmos as notícias das rebeliões nos sistemas carcerários, conseguimos notar que não cabe nas notícias a situação em que os presos são submetidos, as celas com superlotação, a falta de limpeza do ambiente, a precariedade de suas camas ou colchões, a falta de higiene e limpeza, mas cabe na notícia a indisciplina, a revolta e o mau comportamento dos detentos. Relacionamos esses fatos à afirmação do professor Luiz Antônio Bogo Chies (2013, p. 33):

A prisão é uma instituição antissocial, deturpa qualquer possibilidade de reprodução de condições mínimas de sociabilidade saudável, motivo pelo qual é muito difícil se realizar análises que, ao final, concluam por uma solução de seus paradoxos.

Os estudiosos Gilead Marchezi Tavares e Paulo Rogério Meira Menandro (2004, p. 97) concluem acerca das rebeliões que:

Esses presos procuram, com as rebeliões, perseguir o propósito de justificarem suas vidas, de construírem significados em torno de suas biografias, tal como faz qualquer ser humano 'em liberdade', e, adicionalmente, no caso dos homens, com o propósito de afirmarem vigor, esperteza, masculinidade, e, com isso, continuarem acreditando na autonomia perdida. Na visão de quem está de fora pode parecer ilógico, mas qual lógica deve presidir a movimentação

REALIZAÇÃO



de quem não vê saída ou não sabe o que fazer se chegar a sair? Qualquer coisa diferente do que estava vigorando imediatamente antes pode ser melhor e isso é lógico.

Ao analisarmos os discursos recortados das notícias selecionadas, partimos da ideia de Orlandi (2013, p. 43), de que “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura socio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito.”

Percebemos que quem está nos comentários, muitas vezes, posiciona-se sem nenhum pudor por esse mecanismo, pois ali se sente seguro já que não há punição imediata para seus atos e lhe é permitido o anonimato. A internet possibilita que todos tenham voz, porém nem todos a aproveitam para discussões importantes, usando seu direito de fala para se utilizar de xingamentos e ódio gratuito. E a partir do momento em que há o uso da ignorância, perde-se a oportunidade do debate.

O comentário a seguir foi recortado de uma notícia no *site* Folha da Região, em que o comentarista afirma: “Bandido bom é bandido morto. Esquece esse mimi de Deus. Se existisse deus, não existiria bandidos.”. O autor demonstra uma inclinação à violência, fazendo com que reduza o outro a inumano, qualificando-o apenas como bandido. Sua posição no comentário deixa claro que a punição correta para crimes seria a pena de morte, o que o torna vítima de seu próprio discurso, dado que o assassinato também se qualifica como crime.

Quando nos confrontamos com esses discursos, é necessário saber que não se trata apenas de um dizer, mas do efeito ideológico que produz o discurso e que se relaciona com o sujeito. Discursos não tratam de transmissão de informação, mas do processo de individualização do sujeito, como se posiciona e relaciona socialmente. De acordo com Orlandi (2013, p. 20), “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós.”

Notamos em grande parte dos comentários um tom de ódio ao tratar dos encarcerados, ao surgir algum comentário contrário em que procuram defender as ofensas que são proferidas, além das ameaças e discursos de ódio, têm-se respostas como as que podemos observar nos seguintes enunciados:

Nossa...quanta besteira...mas sem generalizar...esses presos destruíram famílias e fizeram muitas vítimas....qro que vão para o inferno. Qria vê-los



sofrendo pelos seus crimes aqui na terra mesmo...!!!” e “Por isso esse país está assim, quanta gente defendendo bandido, então quem defende bandido, põe bandido para comandar esse país, que vergonha, tanta defesa, quando eles destroem uma família, é um coitado que também tem família, me poupe.

Nota-se que não há apenas a vontade de justiça, mas um desejo pelo suplício, tão bem descrito por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987), também é notório o que pensam sobre os detentos, que são bandidos não merecedores de qualquer tipo de validação com a vida do próximo.

O discurso não se limita, mantendo-se em andamento, pois não se trata de um texto tradicional, mas de uma ideologia viva e atuante, que toma sentidos e ressignifica-se a partir de determinados acontecimentos. Notamos a recorrência do sentimento de ódio presente nos discursos nos comentários, como no seguinte: “Que falta faz um coronel Ubiratan nessas rebeliões.”, o autor menciona o coronel responsável por comandar a invasão militar no Carandiru em 1992, pedindo para que se repita o ocorrido, o que demonstra sua falta de humanidade e incapacidade de sentir empatia com o próximo. Foucault (1987, p. 238) nos esclarece a cerca de disciplina:

A ‘disciplina’ não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia. E pode ficar a cargo seja de instituições “especializadas” (as penitenciárias, ou as casas de correção do século XIX) seja de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado (as casas de educação, os hospitais), seja de instâncias preexistentes que nela encontram maneira de reforçar ou de reorganizar seus mecanismos internos de poder (um dia se precisará mostrar como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se ‘disciplinaram’, absorvendo desde a era clássica esquemas externos, escolares, militares, depois médicos, psiquiátricos, psicológicos, que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal), seja de aparelhos que fizeram da disciplina seu princípio de funcionamento interior (disciplinação do aparelho administrativo a partir da época napoleônica), seja enfim de aparelhos estatais que têm por função não exclusiva mas principalmente fazer reinar a disciplina na escala de uma sociedade (a polícia).

Conseguimos observar que o desejo pela morte das pessoas que cometeram crimes é extremamente almejada, no comentário a seguir o comentarista lamenta que dois fugitivos foram capturados ainda com vida: “Por causa de 2 que tentaram



fugir ???? uma rebelião dessas ??? Ah... e ainda foram recapturados 'vivos' ??? Lamentável !”.

Diante dos discursos que analisamos, percebemos que há ainda no imaginário social que as pessoas que cometeram crimes não são merecedoras de perdão e nem empatia. A sociedade age como julgadora e não busca a justiça, mas o poder sobre o outro.

Considerações Finais

Nossa pesquisa desenvolveu-se positivamente em vários aspectos, como a pesquisa bibliográfica, análise e recorte de comentários e notícias sobre os discursos que circulam socialmente a respeito do cárcere e o imaginário a cerca dos detentos. Durante esse período nos confrontamos com a realidade da prisão no Brasil, observando como o imaginário social contribui para que a situação em que os detentos são submetidos não só não melhora, mas incentiva a violência cada vez mais.

Percebemos durante a trajetória de pesquisa a necessidade de criação de discussões e debates sobre os detentos e o sistema prisional em si. Notamos a importância que a pesquisa universitária tem em contribuir com as reflexões a respeito do sistema prisional vigente e do imaginário de encarcerados que predomina em nossa sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos ao programa de Iniciação Científica por nos dar a oportunidade de pesquisa e à bolsa do PIVIC por tornar possível esse processo.

Agradecemos também a nossa orientadora professora Elizete Azambuja, por todo o suporte e orientação durante nosso percurso como pesquisadoras.

Referências

CHIES, Luiz Antônio Bogo. **A questão penitenciária**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 25, n. 1, pp. 15-36, 2013.



FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

NASCIMENTO, Celina A. G. S.; Scaliante, Daniele C. **Representações Discursivas em Cartas de Internas: Subjetivação e exclusão na Escrita de Si**. BARROS, Renata C. B. de.; CAVALLARI, Juliana S. (orgs). Sociedade e diversidade: Triologia Travessia da Diversidade. Vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ROMÃO, Lucília M. S.; PACÍFICO, Soraya. M. R. **Mora-dores de Rua Falados e Significados No/Pelo Discurso Jornalístico**. Campinas, SP: RUA: Revista do Núcleo de desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP, Março 2007.

SILVA, Agda B. B.; SILVA, Juliene M.C. **As imagens de sujeito reeducando que circulam na sociedade monte-belense**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual de Goiás, São Luís de Montes Belos, 2015.

TAVARES, Gilead Marchezi; MENANDRO, Paulo Rogério Moreira. **Atestado de Exclusão Com Firma Reconhecida: O Sofrimento do Presidiário Brasileiro**. Psicologia ciência e profissão, v. 24 (2), pp. 86-99, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação - Uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1996.